

Histórias de Josés: O limite como crescimento

Evaristo Eduardo de Miranda (*)

Não se colocam obstáculos aos cavalos nas competições para que caiam. O objetivo é que, ao ultrapassar o obstáculo, o cavalo se ultrapasse. Isto resume uma das leis fundamentais do humano: é no húmus das dificuldades, derrotas e fracassos que ocorre a verticalização das árvores humanas. Quem sabe crescer, elevar-se no solo dos limites, faz deles um adubo. Quem que se deixa hipnotizar, paralisar e horizontalizar pelas derrotas e limites, faz neles um túmulo. José do Egito, José de Nazaré e José de Arimatéia são três paradigmas da necessária elevação do humano.

Na história mítica desses três homens encontramos o princípio que preside a maioria das artes marciais do Oriente: o adversário nunca é visto como um inimigo. Ele é aquele que se opõe a um homem para que neste, face a essa resistência, surja uma nova dimensão de si mes-

mo. Isso significa que cada humano possui um potencial imenso de desenvolvimento. Cada um é sempre o portador de uma outra realidade, uma outra possibilidade, invisível, infinita, cósmica. Essa outra realidade constitui-se de forças contrárias: uma exige, a outra impede, retarda e atrasa.

O nome José, Ioseph, significa "Ele acrescentará", do verbo hebraico *Yasoph*, "aumentar". É o que exclama Raquel no nascimento de seu filho. Ela clama seu nome José (*Ioseph*) dizendo: "IHWH me acrescenta um outro filho!" (Gn 30,24). O interessante e paradoxal é que esse tema do crescimento, no nome José, está construído sobre a raiz hebraica *soph*, o limite. As estruturas semânticas do hebraico, Verbo de Deus, nos revelam leis ontológicas, como afirma Annick de Souzaenelle. A função dos três Josés é capital: para aumentar, crescer, é necessário aceitar e entrar num limite.

Nosso primeiro José é o décimo primeiro filho de Israel. Seus irmãos mais velhos o invejam. Ele é despojado de suas belas vestes e reduzido ao limite de seu corpo. É colocado nos limites de um poço e vendido como escravo para mercadores a caminho do Egito. Ele descerá até o limite de uma prisão em terra estrangeira: perda da família, da identidade, da nacionalidade, da liberdade. Voltando-se a sua interioridade, ele ouvirá com maior clareza a voz do seu Ser interior, os sonhos. José cresce. Sua capacidade terapêutica de entender os sonhos o retirará da prisão. O faraó o eleva às maiores dignidades da corte e confia-lhe a administração do reino. Escolha e engajamento são essenciais, no aceite do limite como via de crescimento. Nisso há algo do alcance ontológico da lei da circuncisão, mas na essência trata-se de decisão e engajamento.

É pela mão desse José que Israel entrará nessa matriz, nesse húmus do

Egito, de onde sairá séculos depois, num parto difícil. Será a passagem, o salto, a páscoa, na travessia do *Yam-soph*, o mar do limite, dos juncos, designado pela tradição oral como mar Vermelho. Entre *Yasoph* e *Yam-soph*, entre esses dois limites, Israel verticalizou-se, cresceu, em engajamento e decisão. Sobretudo quando o faraó ampliou os limites impostos a Israel.

Engajamento e decisão não faltaram ao José de Nazaré, paradigma do pai que soube retirar-se diante do crescimento do filho. Retirar-se não significa abandonar. José foi um pai diligente. Agiu com coragem, presença e eficiência quando necessário: assistiu Maria no parto, organizou a fuga e a vida no Egito, o retorno à Palestina etc. Mas diante do crescimento e da vida própria do filho soube se retirar. Num silêncio e discrição tão sutis, ele desaparece sem ser notado, até dos textos evangélicos. Esse pai soube crescer diante das dificuldades e limites extraordinários que a vida lhe apresentou. Abdicou de muita coisa. Inclusive de uma certa condição de paternidade: um paradigma para nós, Igreja, e um paradoxo para os não crentes. Deus só falava com José por sonhos! Quatro falas e quatro sonhos (Mt 1,20; 2,13; 2,19 e 2,22). Ele vive atento, em harmonia e diálogo com seu Ser profundo. Em José, essa extraordinária capacidade de lembrar, interpretar e agir segundo seus próprios sonhos, diz muito sobre sua interioridade e equilíbrio psicológico.

Mas José, e a raiz hebraica *Yasoph*, com muito mais profundidade, nos revelam um dos aspectos fundamentais do mistério da Encarnação: Deus mesmo entrou num limite, numa matriz, no ventre de uma mulher, que Ele torna "mais vasto que os céus", a mais extraordinária das catedrais. Um tabernáculo matricial que José cuidou de forma diligente.

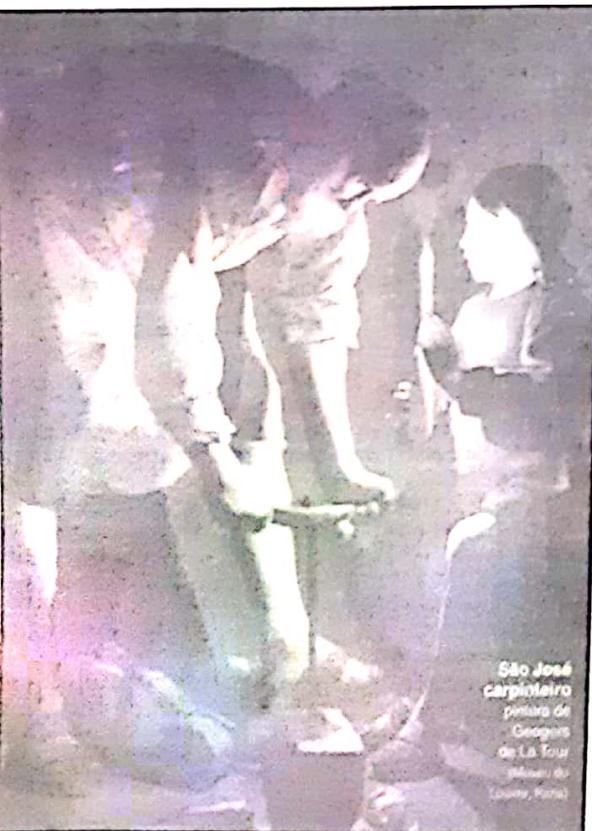
No final será a vez de um adepto de Jesus ben Iosef, José de Arimatéia - Iosef de Ramataíns. O nome dessa cidade, situada a 14 km a nordeste de Lod, significa "a Dupla Altura". Ele

roga a Pilatos para cuidar do corpo de Jesus (Mt 27,57; Lc 23,51; Jo 19,38). E cuida de forma diligente desse túmulo - onde ninguém havia sido posto -, uma nova matriz de morte e ressurreição. Muitos homens, muitos Josés ajudaram o homem de Ramataíns a rolar essa imensa pedra que ao fechar o sepulcro, protegia o corpo de qualquer violação. E impõe um último, definitivo e aparente limite. É a *kenose* que contemplam os padres da Igreja, Deus se limita, uma contração do infinito no finito, até a morte, para que o Homem tome sua dimensão infinita.

O exterior e o interior do Homem são dois pólos de uma mesma realidade. Nós vivemos o que somos. Não por punição mas para nomear o que se passava em nós de forma inconsciente e que até então nos escapava totalmente. Para ampliar nossas dimensões e caminhar para o infinito. Nós temos a possibilidade de buscar as fontes das provações e limites no interior de nós mesmos, ao invés de encontrar um bode expiatório no exterior. As provas devem ser transformadas em jóias, únicas e de infinito valor. Isso é possível pelo trabalho do Sopro, do Espírito, mas não é fácil. A ajuda externa é quase inútil. Ninguém pode se colocar no lugar do outro e nem na plenitude de sua dor. Os limites ensinam a existência na vida de passagens irreduzíveis e intransferíveis, chamados diferenciadores, únicos como o nosso próprio ser. Eles chegam como oportunidade de um novo caminho, próprio e apropriado, para irmos à descoberta de nós mesmos na perspectiva do Infinito.

Fontes bibliográficas:

- A Bíblia. Tradução de A. Chouraqui. Ed. Imago. Rio de Janeiro. 1995.
- Bíblia hebraica. Com comentários de Rachi. Trejger. S. Paulo. 1993. 262p.
- Bíblia TEB. Tradução ecumênica. Loyola. S. Paulo. 1994. 2480p.
- Miranda E. E. de Água, Sopro e Luz. Ed. Loyola. São Paulo. 1995. 107p.
- Souzenelle, A. de L'Égypte intérieure ou les dix plaies de l'âme. Albin Michel. Paris. 1991. 209p.



São José
carpinteiro
primeiro do
Congresso
de La Tour
de Maunabo
Loyola, 1995

(*) Professor da USP, pesquisador da EMBRAPA. Autor do livro "Agora e na hora - Ritos de passagem à eternidade" pelas Edições Loyola. Do Conselho Consultivo do Instituto Ciência e Fé